

MESTRA TECLA E O MEU JARDIM



Poderia comparar o meu relacionamento de afeto, confiança e docilidade com a Primeira Mestra, a um jardim colorido com muitas flores de diferentes matizes e beleza. Nos anos de formação (1949-1956) poderia considerar pequenas florzinhas, ou seja, encontros com uma simples saudação e sorriso, ou então às suas breves conferências ao grupo. Lembro-me, como de uma bela flor, o dia 6 de fevereiro de 1957. Estava de partida para a Austrália e fui despedir-me de Mestra Tecla que estava doente, em Albano. Embora as enfermeiras não permitissem, quis acolher-me de pé, com um caloroso abraço e exclamou sorridente: «Uma paulina missionária precisa ser acolhida sempre assim». Depois de alguns anos retornei a Roma e, por alguns meses, fui membro da Casa Generalícia.

Lembro-me particularmente das belas recreações e ela sempre presente. Notava a sua facilidade em suspender alguns minutos de oração e entrar numa alegre convivência. Uma tarde, eu estava sentada ao lado dela no pátio. Fixou-me atentamente e, em piemontês, com tom crescente, disse-me três vezes: «Devemos fazer-nos santas,...2...3, porque se não nos fazemos santas, merecemos apanhar...». Um instante depois, já estava imersa na alegria da recreação. A sua constante preocupação era a glória de Deus e fazer o bem para a salvação das almas. Estávamos nos primeiros anos 60 e se iniciava a organização das semanas catequéticas especialmente na diocese de Ancona. Era indispensável preparar guias, subsídios a preços muito baixos, inferiores aos nossos

custos, para garantir uma boa difusão. Tive a alegria de acompanhar Mestra Assunta para pedir-lhe conselhos e permissões: custos altos e preços baixos. Mestra Tecla ouviu atentamente e depois perguntou: «Mas farão o bem? – resposta de Mestra Assunta – Sem dúvida; é tudo doutrina cristã – e ela respondeu decididamente – Vão em frente! Vão em frente como pensaram. E preparem rapidamente tudo quanto pode ajudar a fazer o bem. As almas!».

O meu jardim ainda me oferece tantas flores, e as convidaria a visitá-lo pessoalmente. Mas como fazer? É tudo hermeticamente fechado!

Elisabetta Capello, fsp

A PRIMEIRA MESTRA É O VOSSO MODELO



A Primeira Mestra não é apenas a vossa mãe, mas é também o vosso modelo. Toda Filha de São Paulo que deseja ser digna desse nome, deve espelhar-se naquela que foi, sempre e em tudo e a todo

custo o modelo perfeito da Paulina. Verdadeiramente não se via nela defeitos. Defeitos todos temos, sem dúvida, porque apenas Deus é perfeito: mas nela todos os pequeninos defeitos, diante de nossa pobreza, pareciam virtudes, virtudes que não conseguiram se desenvolver, que não atingiam todos aqueles pontos desejados por Deus...

A Primeira Mestra é o vosso perfeito modelo, imitai-a. Podeis ofender-vos, se repito, mas o vosso ressentimento é doce, porque vos incita ainda mais à fidelidade filial. Tendes o modelo: espelhai-vos nele, fazei como fazia a Primeira Mestra. Agora, do paraíso, ela pode repetir-vos, como São Paulo: «Sejais minhas imitadoras como o sou de Cristo!».

A Primeira Mestra foi a vossa mãe... que a pensais, recordais e sentis ainda viva. Foi verdadeiramente amável, doce, materna. Tende-a como vosso modelo perfeito. «Eu creio na vida eterna»: nós cremos na vida eterna e vemos a Primeira Mestra sempre viva em Deus.

S. E. Card. Arcadio Larraona